

ba-se e chama pelo carcereiro para indagar a verdade: quer saber qual foi o condenado que desceu pela escada e manda o homem procurar e tirar da cela o prisioneiro que lá estiver, para trazê-lo à sua presença. Ouve-se o tiro do canhão anunciando a morte de um dos dois. Grande é a angústia. Giovanna ajoelha-se pedindo a proteção da Virgem, quando entra Gilberto trazido pelos guardas. Ele é que foi salvo e Fabiano o decapitado. Gilberto e Giovanna atiram-se nos braços um do outro, enquanto Maria Tudor, ante a evidência de sua desgraça e a traição de D. Gil, que mandou para o suplício seu amante, desmaia entre lágrimas.

*

7. O ESCRAVO (LO SCHIAVO)

Libreto de Rodolfo Paravicini.

Primeira representação: Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1889.

A ação se desenvolve no Brasil, em 1567. O primeiro ato decorre na fazenda do Conde Rodrigo, às margens do rio Paraíba. Alguns escravos tecem grinaldas de flores, outros atendem aos serviços da fazenda: carregam fardos de cana-de-açúcar, sacos de milho e feijão, etc. Américo, filho do Conde Rodrigo e oficial da marinha portuguesa, jovem de temperamento ardente, despreza preconceitos e linhagens porque está loucamente apaixonada por Ilara, a linda criada indígena de seus pais, que mora na fazenda quase como doméstica. O Conde Rodrigo, horrorizado com o possível casamento de seu filho com uma escrava, ordena-lhe que parta a juntar-se à armada portuguesa, que combate na baía de Guanabara contra um levante de índios tamoios, aliados aos franceses. Américo tenta opor-se à vontade paterna; confessa ao pai todo o seu amor por Ilara, mas o pai aponta-lhe severamente seus deveres de fidalgo, de militar e de patriota. Américo acredita que, se voltasse coberto de glória, o pai abençoaria sua união com Ilara. E resolve partir depois de uma sentimental despedida de sua amada. Antes de seguir viagem, o jovem solta o escravo Iberê, vítima do feitor Gianfera, que lhe havia imposto algemas por uma insignificante desobediência. O escravo ajoelha-se ante seu libertador, jurando-lhe eterna gratidão. Américo aperta-lhe a mão ante o assombro de todos os escravos, aos quais o jovem promete liberdade. Apenas Américo parte, o feitor prende novamente Iberê e manda prender também Ilara, arrastando ambos para o interior da capela, onde são casados à força, apesar de seus protestos. E tudo isto, por ordem do Conde Rodrigo, que quer se livrar dos dois indígenas e evitar o casamento do filho.

O **segundo ato** tem como cenário o parque de uma propriedade da Condessa de Boissy, em Niterói; a nobre francesa prepara uma festa durante a qual pretende libertar muitos escravos. Américo comparece para prestar homenagens à Condessa. Apaixonada pelo jovem, ela não lhe oculta seu sentimento, que, todavia, Américo não aceita, pois só tem pensamentos para Ilara. O Conde Rodrigo deseja ardentemente ver o filho casado com a Condessa; mas em vão incita o filho a ser mais atencioso e amável durante a festa e as danças no jardim à beira-mar.

Terminadas as danças, entram os libertos para agradecer aos seus ex-senhores; entre eles, vêm Ilara e Iberê. Américo não compreende como sua amada possa estar entre eles; segue-se uma cena de confusão e constrangimento quando o jovem vem a saber que Ilara e Iberê estão casados. Iberê quer contar o que se passou, mas o Conde impõe-lhe silêncio. Ilara confirma a terrível verdade; e Américo julgando-se traído pelo índio, tenta assassiná-lo, o que não consegue devido à intervenção do Conde, que obriga os dois índios a fugirem. A condessa escarnece de uns e outros ao saber que sua rival é uma escrava. Américo não desanima e põe-se logo no encalço da verdade.

O **terceiro ato** passa-se na floresta, nas proximidades de Jacarepaguá. Iberê e Ilara vivem separados em duas cabanas próximas. O índio lamenta a tristeza de Ilara, que ele bem sabe ser causada pela saudade de Américo, que certamente (pensa ele) não mais se lembra dela e nem se casaria com uma escrava. E faz-lhe sentir a crueldade de seu procedimento para com ele que, afinal, é seu marido e tem direito de lhe obter carinho e ternura. Ilara responde que não se casou de livre vontade e não pode esquecer Américo. Prefere a morte. O índio desesperado chega a apontar-lhe o punhal, mas, pensa em seu deus Tupã, que proíbe o assassinato; e antes que a ira o leve a praticar um ato irreparável, expulsa Ilara de sua taba. Sozinho, o índio procura uma forma de vingança que possa satisfazer sua imensa dor. Sua atenção é despertada por sons de inúbia, que anunciam a chegada de selvagens das tribos das margens do Paraíba, que o vem buscar como chefe, não só para combater os estrangeiros invasores, mas também para assaltar a propriedade do infame Conde Rodrigo. Ilara, que ainda se encontrava nas proximidades, regressa à taba de Iberê; e embora este a apresente aos índios guerreiros como sua fiel companheira, ela se apavora ouvindo que eles projetam assaltar e exterminar os habitantes da fazenda onde nasceu e foi criada. Alimenta um único pensamento: permanecer ao lado de Iberê e tentar salvar Américo. Partem todos para o combate.

Passa-se o **quarto ato** num planalto rochoso perto da baía de Guanabara. Gruta do lado direito. Noite fechada. Iberê dá ordens explícitas aos seus guerreiros, que já o não respeitam com o entusiasmo do início, pois ele não se manifestou violento com o inimigo como eles esperavam. Lamenta-se consigo mesmo pelas suspeitas dos comandados, cuja descon-

fiança perdoa, pois reconhece que seu único tormento, seu maior cuidado é saber que Américo vem a seu encontro para lhe tirar Ilara. Amanhece. Insere-se, neste ponto, o belíssimo “intermezzo” conhecido por “Alvorada”, no qual o compositor descreve o amanhecer numa floresta brasileira. Esta peça tem sido considerada o mais belo trecho orquestral de Carlos Gomes.

Ilara entra com os trajes de guerreira tamoia e observa ao longe o efeito do sol sobre as naus portuguesas, onde ela pensa deve estar seu amado Américo. Iberê, vindo de sua gruta, aproxima-se mais uma vez da esposa, censurando sentidamente sua indiferença e desprezo para com ele, quando se ouvem gritos de selvagens que trazem Américo preso e amarrado. Ele viera espontaneamente entregar-se só com a idéia de encontrar Ilara. Os selvagens querem trucidá-lo, porém Iberê pede que o deixem uns momentos a sós com ele, prometendo sua própria vida em penhor pela de Américo. Américo acusa o índio de lhe haver roubado a noiva; Iberê responde-lhe que também ele lhe roubara o amor e a paz. E quando Américo, raivoso, investe contra ele, sobrevém Ilara, que separa os dois, garantindo a Américo que Iberê não tem nenhuma culpa da situação que se criou entre os dois.

Américo não compreende como Ilara possa defender Iberê, mas este, humilde e patético, conta-lhe qual fora seu sacrifício em viver ao lado da mulher amada, respeitando-a sempre como irmã, em lembrança da gratidão que devia ao amado de Ilara, o belo oficial Américo... Este, compreendendo o imenso sacrifício pelo nobre índio, que respeitara sempre sua adorada noiva, pede-lhe perdão. Iberê toma Ilara pela mão, entregando-a a Américo. Ilara e Américo expandem sua imensa alegria, enquanto Iberê incita-os a fugir, antes que regressem os selvagens, ávidos de se vingarem de Américo. Num cruciante adeus, os dois apaixonados se despedem do pobre índio e fogem, pouco antes que os selvagens irrompam em cena reclamando Américo, que anseiam por torturar e matar como represália contra os portugueses conquistadores.

Iberê, olhando fixamente um ponto ao longe, despe-se de suas insígnias, e gritando aos bárbaros que só o amor triunfara, apunhala-se, dizendo-lhes: “Prometi-vos uma vida; aqui tendes a minha !”. E cai morto. Os selvagens, indignados, chamam-no de traidor.